

# REVISTA ALILLO



ACADEMIA DIX-SEPTIENSE DE HISTÓRIA - ANO II Nº. 02 - 04/04/2019

## Edição Especial de Aniversário



Foto: Jefferson Roberto



**Uma noite memorável para  
os anais da história dix-septiense.**

# **Revista da Academia Dix-septiense de História**

**Alilo nº. 002 – Ano: II - 2019**

## **Conselho Diretor da ACADHIS**

Presidente: Reginaldo Claudino da Silva

Vice-Presidente: Antonio Pedro da Costa

Secretário Geral: Eduardo Rego de Moraes

Tesoureiro: José Emídio de Oliveira

Assessor de Comunicação: José Hugo de Oliveira

## **Conselho Fiscal:**

Titulares:

1 – Antonia Idaisa da Costa

2 – Maria Dilma de Moraes

3 – Maria Daniela de Souza

Suplentes:

1 – Lázaro Alves do Vale

2 – Hudson Carlos de Oliveira

## **APRESENTAÇÃO**

A Revista Alilo é uma publicação periódica da Academia Dix-septiense de História (ACADHIS) que tem por objetivo publicar as produções dos Acadêmicos e dos eventos científicos e culturais realizados pela Academia.

Este segundo número é uma publicação especial do primeiro aniversário da Academia e tem por objetivo divulgar matérias, artigos e obras dos Acadêmico(a)s.

Nos números posteriores serão publicados mais trabalhos do(a)s Acadêmico(a)s referentes a história e a cultura dix-septiense, bem como de pessoas não acadêmicos, que tiverem participado e contribuído com trabalhos, e que forem apresentados em eventos que serão promovidos pela Academia.

Dado e passado, nesta Terra de São Sebastião,  
Gov. Dix-sept Rosado-RN, 04 de Abril de 2019

Reginaldo Claudino da Silva  
Presidente da ACADHIS



## ÍNDICE

UMA NOITE MEMORÁVEL PARA OS ANAIS DA HISTÓRIA DIX-SEPTIENSE.....	07
CORONELISMO: ressignificação na política partidária contemporânea da cidade de Gov. Dix-sept Rosado – RN.....	09
HISTORICO DA ESCOLA ESTADUAL MANOEL JOAQUIM ..	18
EM CASA TAMBÉM SE APRENDE A CRER.....	23
UM POUCO DE FILOSOFIA ARISTOTÉLICA.....	25
A COMPREENSÃO DO SER ENQUANTO ATO E POTÊNCIA NA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES.....	25
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E CONTRADIÇÕES.....	27
MEU LUGAR.....	35
CURA D'ÁGUA (WATER THERAPY).....	36
MEMÓRIAS REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A (RFFSA).....	38
ERRATA.....	40



## UMA NOITE MEMORÁVEL PARA OS ANAIS DA HISTÓRIA DIX-SEPTIENSE

Por Hugo Carlos de Oliveira

A noite de 04 de abril de 2018, data na qual se comemora a emancipação política do município, encontrou uma Governador Dix-sept Rosado duplamente festiva. Nos dias que antecederam a data magna, que também ficou marcada pela criação e instalação da Academia Dix-septiense de História (ACADHIS), parte dos envolvidos se mobilizou buscando realizar um grande evento, como já havia planejado desde o final do ano anterior. A parte política, no entanto, se esforçava para tentar fazer bonito na festa de aniversário da cidade.

Procedida a abertura da sessão, no dia e hora designados, à mesa afluíram convidados ilustres como o prefeito municipal, a presidente do Legislativo, o pároco da cidade e o pastor da Igreja na qual a solenidade aconteceu, entre outros representantes de peso da política e da sociedade como um todo. O prognóstico de que o evento superaria as expectativas, emitiu os primeiros sinais quando o público começou a ocupar todo o espaço cedido para a festa. A partir da porta de entrada não houve lugar que não ficasse inteiramente preenchido, o que contribuiu para sacramentar a grandeza do evento memorável.

Eram, aproximadamente 18 horas, quando o ora empossado presidente considerou abertos os trabalhos. Na ocasião, já era possível sentir-se o que viria nos momentos subsequentes, em razão do número de convidados que ocorreu à solenidade. O que, aliás, não era surpresa, dado o notável engajamento dos fundadores, efetivado de modo claro e satisfatório, como se pôde, posteriormente, perceber através do sucesso do acontecimento. A isso, some-se a aposta da Presidência na confecção e distribuição de comendas que eram entregues às pessoas dos membros fundadores, enquanto a “Revista Alilo”, periódico de responsabilidade da ACADHIS, contemplava autoridades e outros convidados, em especial familiares dos patronos, os grandes homenageados da noite.

Cerca de uma hora depois ou, para ser mais preciso, às 19 horas, todas as dependências do local já estavam tomadas. Desde

o púlpito, onde a mesa que recepcionou autoridades fora posta, até a porta de entrada da igreja, todos os assentos existentes achavam-se ocupados. Alguns dos presentes, entre estes os que contribuíram mais efetivamente para a organização do citado evento, quando ouvidos, dizem ficarem emocionados com o que testemunharam naquela noite. Afinal de contas foram eles os responsáveis pelo êxito alcançado por um projeto que se idealizou auspicioso, que nasceu da ousadia e fez de um eco um unísono canto de vitória.

Há também quem destaque que, pela primeira vez na história da cidade, os que se uniram em torno de uma ideia têm motivos de sobra pra sorrir. Sobretudo por se tratar de uma entidade que não está no gosto de alguns, mas que nos dá a clara noção de que - para a consecução dos nossos objetivos - é preciso coragem e vontade. Sem esses componentes, dificilmente se tiraria do papel, uma ideia considerada antiga, porém, que a princípio não visava aderir ao formato atual. Notadamente porque tencionava agregar elementos que fossem detentores de uma mesma licenciatura.

Existe também quem considere que o sucesso experimentado pelos que integram a Academia Dix-septiense de História (ACADHIS), é a prova viva de uma certeza que brotou do seio dix-septiense, de que o sucesso, de fato, iria acontecer. E por ser uma referência na cidade, há de influenciar outros munícipes a tentarem rememorar aquela que consolidou-se como uma noite memorável para os anais da história dix-septiense.



# **CORONELISMO: ressignificação na política partidária contemporânea da cidade de Gov. Dix-sept Rosado – RN**

**REGINALDO CLAUDINO DA SILVA<sup>1</sup>**

## **Resumo:**

O presente artigo tem por finalidade apresentar o projeto de pesquisa “CORONELISMO: ressignificação na política partidária contemporânea da cidade de Governador Dix-sept Rosado-RN, enfocando seus aspectos metodológicos, objetivos, problematização, fontes de pesquisas e considerações teóricas. O projeto pretende fazer uma investigação histórica no processo político-partidário da cidade de Governador Dix-sept Rosado, na tentativa de verificar se há influências e práticas coronelistas no referido processo político.

**Palavras Chaves:** Projeto, Coronelismo, Política Partidária, Rosados

## **APRESENTAÇÃO**

O Município de Gov. Dix-sept Rosado, foi desmembrado do Município de Mossoró, no ano de 1963. Até então o território do atual município de Gov. Dix-sept Rosado – RN, era um distrito do município de Mossoró. Um município que em sua trajetória política partidária, tem cerca de um século de domínio da Família Rosado, cuja atuação política é possível denotar práticas coronelistas, no termo moderno urbano em que hoje se apresenta o termo coronelismo discutido por alguns autores.

A política partidária do município de Gov. Dix-sept Rosado, está total e intimamente ligada aos Rosados, seja numa ou noutra “facção Rosadista”.

Quando aqui nos referimos a “facção rosadistas”, estamos falando da estratégia de divisão familiar em grupos e em termos de heranças políticas, numa tentativa de perpetuação no poder político partidário na região com alternâncias de nomes Rosados ou nomes a eles ligados.

Não diferente de outrora a política partidária dix-septiense apresenta nas atitudes de seus políticos que denotam atitudes e práticas coronelistas. É claro que essa presença se dá com atores e estratégias diferentes daquelas da Velha república, mas que por sua vez geram efeitos semelhantes. A pesquisa em questão será realizada pensando em responder essa questão e inquietude vivenciada no seio da sociedade dix-septiense.

---

<sup>1</sup> Historiador, Contador, Presidente da Academia Dix-septiense de História – ACADHIS.

## **2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA/ PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA**

O projeto de pesquisa em foco tem como objetivo central identificar possíveis influências do Coronelismo no processo político-partidário da cidade de Gov. Dix-sept Rosado-RN, numa perspectiva da ressignificação histórica. Nessa ótica ainda tem por objetivos específicos: identificar o conceito de coronelismo como prática política; buscar ao longo da história político-partidária do Município de Gov. Dix-sept Rosado – RN, fatos que caracterizem a presença do coronelismo nesse contexto; fazer uma análise das influências do coronelismo, como busca de perpetuação das oligarquias tradicionais no poder.

Apesar do processo de democratização do Brasil, vivemos ainda num sistema político-partidário onde predominam atitudes e/ou formas de fazer e viver a política que não são atitudes ou práticas democráticas ou pelo menos de coerência com o sistema em si.

O que presenciamos na realidade são atores políticos que ainda fazem política como os coronéis da República Velha. Basta observarmos as campanhas políticas, os pleitos (Federal, Estadual e Municipal), os discursos políticos e até mesmo os projetos de Governos. Todos eles estão carregados de idéias e práticas coronelistas. Tais práticas se verificam, mais recentemente, quando se trata do Nordeste Brasileiro, onde problemas cruciais como a miséria, a fome, a pobreza e a seca são utilizados como artifícios pelos políticos para conquistarem os votos das classes desfavorecidas, com discursos demagógicos, prometendo resolver os problemas do povo nordestino, mas na verdade nada se faz para resolver a situação. O que fazem, e quando fazem, são projetos de ações paliativas para manter o povo sob as rédeas, e assim, manter o chamado “curral eleitoral”. Nos discursos de campanhas ficam estes políticos sempre alegando alguma coisa feita, com isso, significa quase uma cobrança: “Vote em mim! Você me deve!”.

Nossa hipótese é de que ainda exista essa prática coronelista na política do Nordeste. Neste sentido, pretendemos discutir se esse conceito originário no período regencial e que se

efetivou durante a República Velha ainda está presente hoje nas práticas político-partidárias da cidade de Gov. Dix-sept Rosado/RN.

### **3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O TEMA**

É notório que o processo político brasileiro desde os seus primórdios esteve associado aos donos do poder econômico: grandes latifundiários ou empresários, onde sempre predominaram práticas e atitudes coronelista.

Para isto, tomaremos como base teórica principal neste projeto de pesquisa, as considerações realizadas por Leal(1976), a respeito da temática em foco.

Vale ressaltar que apesar de muitos escritores da literatura brasileira terem a mesma opinião para a origem do coronelismo, existe tendências divergentes entre os historiadores.

Tais divergências, são no que diz respeito a origem do poder do coronel. Uns afirmam que a origem do poder do coronel está na terra, outros ainda afirma que esse poder é determinado pelo “prestígio” e “pela honra social” e outro ainda diz ser determinado pelas milícias particulares dos coronéis. Isso será destacado com maior precisão no item 3.1 deste artigo.

O processo político brasileiro, em especial o nordestino, é um processo que se apresenta carregado de práticas e atitudes que de certa forma não são, no nosso entender, de cunho democrático, como o clientelismo, o mandonismo, a barganha do voto, a troca de favores, prestados com os recursos públicos como forma de manter amarrados os beneficiados.

#### **3.1. O Coronelismo do ponto de vista de importantes historiadores**

O termo coronel vem da extinta Guarda Nacional criada em 18 de agosto de 1831 e nela os chefes locais, aqueles que mais se destacavam, assumiam postos como coronéis, majores e capitães. Mesmo a Guarda Nacional sendo extinta no início da República a denominação de coronel persistiu, e é desse termo que se originou o coronelismo. Podemos encontrar referencias para tal questão em Leal, (1976, 19-21); Faoro, (1989, 620-659); Carone, (1978, 251-269).

O Coronelismo se apresenta na literatura com diferentes tendências no tocante à base de determinação desse sistema. A tendência dominante, é aquela seguida por Leal(1976) que afirma o coronelismo ter origem na propriedade da Terra. Para ele é a propriedade da terra o elemento determinante desse sistema político.

Faoro (1958) afirma que o poder político dos chefes locais, mais do que a propriedade da terra, é determinado pelo “prestígio” e pela “honra social”, tradicionalmente reconhecidos. Dantas (1987) já considera que a fonte do poder do coronel estava na presença das milícias particulares.

Para conceituar coronelismo Queiroz vai buscar ajuda em Jean Blandel, e na sua definição Queiroz, (1976, 172) afirma que:

[...] o coronelismo se integra, pois, como um aspecto específico e datado dentro do conjunto formado pelos chefes que compõem o mandonismo local brasileiro - datado porque, embora aparecendo a apelação de ‘coronel’ desde a segunda metade do Império, é na Primeira República que o coronelismo atinge sua plena expansão e a plenitude de suas características. O coronelismo é, então, a forma assumida pelo mandonismo local a partir da proclamação da república: o mandonismo teve várias formas desde a Colônia, e assim se apresenta como o conceito mais amplo com relação aos tipos de poder político-econômico que historicamente marcaram o Brasil.

Já Leal define o coronelismo como sendo um sistema político da Primeira República, onde predominava uma relação de compromisso entre os donos de terras em decadência e o poder público fortalecido. Para ele a base do coronelismo está na estrutura agrária e isso é resultado da “superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada.”(1976:20).

Ambos autores, consideram que a fonte de poder político de um coronel era medido, além da base econômica, pela força eleitoral. Queiroz, (1976, 166) aceita que “o poder político é medido através da quantidade de votos de que dispõe um chefe local ou regional, no momento das eleições”. Leal, (1976, 23) considera que “a força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras”.

Contrariando esta visão, Dantas, (1987) afirma que a fonte do poder do coronel (isso se referindo ao período da República Velha, considerado como o ponto culminante do coronelismo) estava na presença das milícias particulares.

[...] O controle da coerção foi de maior importância como fonte de poder político do que outro elemento qualquer. A vitória eleitoral, que legitimava os candidatos, guardava uma dependência maior do controle da coerção do que dos votos propriamente ditos. (Dantas, 1987, 24).

No entanto, é preciso destacar que Leal e Queiroz também abordam a questão das “milícias particulares”, porém, eles não as consideram como elemento determinante do poder político do coronel.

Sobre a origem do poder do coronel, Faoro, destaca: “[...] mais do que a situação econômica, deriva do prestígio, da honra social, tradicionalmente reconhecido” (1989, 636) Nesta mesma linha de pensamento Barreira, (1992) considera que a dominação política do coronel no Sertão “não necessita e nem se impõe só pela força, mas pela aceitação e reconhecimento, através de mecanismos ideológicos que tornam a realidade não perceptível por parte dos dominados” (1992, 18).

Levando em consideração o já discutido na literatura a respeito do coronelismo, nota-se, claramente, o poder político dos coronéis sendo determinado por um conjunto de elementos que interagem mutuamente, com destaque para a política assistencialista-paternalista e clientelista que se desenvolve, principalmente, no âmbito da máquina administrativa local. Em função dessa política, os chefes locais passam a ser identificados como os “pais dos pobres”; os “mais bondosos, generosos e caridosos”; “os mais sábios” e “mais preparados para governarem a localidade”. Dessa forma, os chefes, fazendo uso da máquina política municipal e da influência das esferas estadual e federal, fortificam e até desenvolvem seus dotes e qualidades pessoais e alastram as relações de compadrios de influencia política.

### **3.2 . A presença e o domínio da Família Rosado no Município de Gov. Dix-sept Rosado – RN.**

A presença dos Rosados no município de Governador Dix-sept Rosado, sua permanência e elementos estratégicos

determinadores desse domínio, teve início no ano de 1912, quando o comerciante e chefe político do Distrito de São Sebastião, hoje cidade de Gov. Dix-sept Rosado, Manoel Joaquim de Oliveira apresentou ao farmacêutico Jerônimo Rosado em sua Farmácia no Município de Mossoró, uma pedra de gipsita e propôs a Rosado uma parceria para a exploração do minério na localidade, o que foi aceito pelo farmacêutico. Depois Manoel Joaquim morre e sai de cena e Jerônimo Rosado continua com a exploração do minério e depois de sua morte seus filhos dão prosseguimento a atividade de exploração do minério até a década de 1960.

As minas de gesso eram prosperas e rendiam um bom lucro e o Velho Jerônimo Rosado foi adquirindo posses de terras e se tornou um grande latifundiário na região. A medida em que o tempo ia se passando a São Sebastião, Sebastião póles foi se deixando influenciar pelo Rosadismo. Foi-se enraizando na memória dos populares sentimentos que geraram relações paternalista, clientelista, mandonistas entre o povo local e a família Rosado.

Os Rosados não apenas se contentando com o econômico, com a exploração da gipsita, busca estruturar a sua ideologia ou ideologias políticas, através da concessão de benefícios, ajudas e serviços públicos prestados na localidade.

Uma das ações mais visíveis se dá com a criação da Associação de Assistência e Proteção a Maternidade e a Infância de Gov. Dix-sept Rosado – RN (APAMI),

Até o ano de 1953, o Distrito Gov. Dix-sept Rosado não possuía nenhuma instituição de saúde. A primeira instituição criada foi a APAMI – instituída no dia 22 de abril de 1953, na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Extração do Gesso. Sua primeira Diretoria era composta por: João de Freitas Oliveira – Presidente, Catarina Almeida Rosado, Lourenço Menandro da Cruz, Luiz de França Freitas e América Fernandes Rosado Maia – Secretária Executiva.

No dia 10 de abril de 1960, é inaugurada a Maternidade Onzième Rosado, instituição mantida pela entidade filantrópica anteriormente supra citada. (SILVA, 2002, p. 162)

A citação acima mostra bem claro a participação e influencia dos Rosados na instituição criada. As outras pessoas que

pertenciam a Diretoria que não eram Rosados todas eram ligadas a ele, inclusive João de Freitas era Vereador na cidade de Mossoró e Lourenço Menandro da Cruz foi eleito o 3º Prefeito Constitucional do Município de Gov. Dix-sept Rosado, no ano de 1972, com o inteiro apoio dos Rosados. Além disso fazendo uma varredura nos arquivos da APAMI, é possível encontrar vários outros presidentes da referida instituição que chegaram ao Poder executivo Municipal com o apoio dos Rosados.

Não obstante é encontrado nos arquivos referencias que indicam que a construção da Maternidade se deu por emenda do Deputado Federal Vingt Rosado e a manutenção da instituição vem sendo mantida por verbas oriundas de emendas do Deputado e de seus sucessores(herdeiros) ao longa da existência da instituição. O que denota uma relação clientelista, pois os que dirigem a instituição são pessoas ligadas a um dos grupos Rosados e fazem parte do rol dos políticos partidários dix-septenses.

Outra saída para a perpetuação foi à denominação de logradouros (ruas, conjuntos), prédios públicos e até a troca do nome da Vila (depois cidade), com nomes de pessoas cujo sobrenome se acentua a palavra Rosado. Dessa forma, tanto os Rosados como os seus aliados políticos locais, procuraram firmar na memória dos populares o legado da família Rosado na localidade.

Nessa perspectiva,

Em 1953, a vila muda novamente de nome, pela Lei Municipal nº 16, de 25 de julho de 1951, nossa Vila passa a se chamar VILA GOV. DIX-SEPT ROSADO, homenageando a memória do então falecido Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, em um desastre aéreo, no Rio do Sal – Aracajú, no Estado de Sergipe, na manhã de 12 de julho do mesmo ano. (SILVA, 2002, p. 40).

Com a estrada de ferro desativada a casa do agente e a estação ferroviária, passou a não ter mais nenhuma utilidade à RFFSA. Dessa forma a Prefeitura Municipal [...], resolve negociar a compra dos imóveis para pertencer ao patrimônio público municipal. [...]. As reformas da casa foram feitas preservando a arquitetura rústica, valorizando mais ainda o imóvel. O que era abandonado, passou a ser hoje o Palácio Dix-sept Rosado e sede do governo municipal. Esse nome escolhido pelo então Prefeito [Gilberto Martins], que resolveu homenagear o ex-governador do estado e sua família. (Pereira, Islamara da Costa, In. SILVA, 2002, p. 220)

Ainda há,

Denominações de Escolas, como Escola Estadual Jerônimo Rosado, Escola Municipal Isaura Rosado; ruas: Rua Dix-Huit Rosado, Rua Herculana Rosado, Conjunto Vingt Rosado, além da Maternidade Onzieme Rosado. (grifo nosso).

Se olharmos atentamente para o panorama político partidário dix-septiense, iremos notar nitidamente que o poder ou pelo menos a influencia dos Rosados estão incutidos no ideário político partidário dos cidadãos dix-septienses.

Não obstante, os homens públicos (líderes políticos) que governaram/governam sempre estiveram ao lado de uma das “facções rosadianas”. De todos que concorrem e chegaram a se eleger tinham o apoio ou ligação com um nome político da Família Rosado. Foi assim desde o primeiro prefeito até o atual. Todos indiscutivelmente ligados a um grupo ideológico Rosado.

#### **4. Fontes de pesquisas e metodologias**

Para efeito de estudos realizaremos uma pesquisa qualitativa onde utilizaremos os seguintes métodos.

Primeiro o método histórico, para a coleta de dados em periódicos, documentos, livros, revistas, jornais, entre outros.

Em um segundo momento será utilizado o método da observação, onde iremos procurar observar o cotidiano de pessoas públicas (político) na sua arte de fazer política-partidária, além de entrevistas com pessoas no espaço determinado para a pesquisa, para podermos conhecer opiniões diferenciadas a respeito do assunto e assim construir uma análise a partir de opiniões e dos dados encontrados nas fontes escritas e observadas.

Os textos serão construídos de forma crítica, procurando colocar os fatos e acontecimentos com a máxima fidelidade possível, buscando elaborar os conceitos a partir dos fatos e não a partir dos sentimentos e interesses subjetivos dos atores envolvidos na pesquisa. Dessa forma, cumprindo com o papel de historiador, mostrando a

história como realmente se construiu e é; não como gostaríamos que tivesse sido construída.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em história é uma tarefa que deve ser realizada com bastante cuidado e dedicação. O pesquisador deve estar atento para os procedimentos que serão realizados para poder se distanciar do objeto a ponto de manter-se a imparcialidade nas análises e reflexões realizadas e não deixar que os atores envolvidos venham influenciar nos resultados.

O tema proposto, chegando ao final, se atingido os objetivos expostos será de grande utilidade para a historiografia local, pois terá respondido a questionamentos e inquietudes vivenciadas pelos atores que compõe a sociedade dix-septiense e poderá, ainda, servir como base para a reflexão da história político-partidária de outros municípios da região circunvizinha.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Cesar. **Trilha e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

CARONE, Edgar. **A República Velha: evolução política**. São Paulo: Difel, 1971.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. Aracaju: UFS, 1987.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 1958.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

QUEIRÓZ, Maria Isaura. **O mandonismo local na vida política brasileira**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SILVA, Reginaldo Claudino da. **Terra do alho, da cal e do petróleo: nossa terra**. Mossoró: Reginaldo Claudino, 2002.

# HISTORICO DA ESCOLA ESTADUAL MANOEL JOAQUIM

**Hudson Carlos de Oliveira**

## FUNDAÇÃO DA ESCOLA

“O terreno do colégio era um antigo campo de aviação, e que segundo depoimentos, Joel Carlos, prefeito interino, comprou o terreno à paróquia e fez uma doação para o estado e, no ano de 1964 começou a construção da Escola pela Construtora Cabugi. Há controvérsias no que se refere à compra do terreno, pois, Joel Carlos teria sido prefeito por apenas um dia. Também existem outras informações diversas. Conta-se que o terreno foi uma doação da paróquia, outras nos informam que a doação foi feita pelo próprio filho do Sr. Manoel Joaquim”. (texto extraído do trabalho feito por alunos da própria escola realizado pelo prof. Everaldo Oliveira. 2007)

## DEPOIMENTOS:

**Antônia Idaisa da costa**, “os primeiros professores foram Maria Paula Rodrigues, Maria Costa de Melo, Mirian Ferreira Nunes. No início os recursos eram suficientes, pois o Estabelecimento tinha poucos alunos e por sinal era um dos maiores do Município e ainda é até hoje. Não tínhamos fogão para fazermos a merenda, fazíamos em um fogareiro a carvão e as panelas eram latas grandes, os pais dos alunos nos ajudavam muito”.

**Irapirema costa franca**, “A escola inaugurada no dia 03 de março de 1965. As pessoas que ajudaram na fundação foram: Joao Nepomuceno e Valmir. Foi no Governo de Aluizio Alves. Os primeiros funcionários e professores foram: Maria Firmina, Geraldo, Maria Milene, santa Rêgo, Luzanira Soares e Maria. O único homem a fazer parte da direção da Escola ate então foi Carlos Alcivan, que foi vice-diretor por vários anos”.

**Sr. Zé Feio**, “O terreno do colégio era um campo de pousar avião, Joel Carlos, o prefeito, comprou o terreno à Paróquia e fez uma doação para o estado e, no ano de 1964 começou a construção da Escola pela Construtora Cabugi. A obra que teve como operários os senhores: José Dantas, Engenheiro; Severino Bezerra, construtor;

Francisco Vieira, Tarzan, Raimundo Bezerra, José Marques, Severino Mago, Francisco Cavalcante (Chico Bezerra) os pedreiros; Abel, carpinteiro; Martins, Rolinha e outros eram os serventes e Zé Feio no almoxarifado. E no dia 03 de março de 1965, aconteceu a inauguração da Escola Estadual Manoel Joaquim, pelo então Governador do Estado, Aluísio Alves”. (depoimentos extraído do trabalho feito por alunos da própria escola em trabalho realizado pelo prof. Everaldo Oliveira)

A Escola Estadual Manoel Joaquim foi inaugurada em 03 de março de 1965, durante o governo Aluísio Alves.

Inicialmente chamada de “Grupo Escolar Manoel Joaquim”, homenagem feita a um dos primeiros moradores do município grande proprietário de terras, comerciante local e também chefe político da Vila de São Sebastião em 1913. passando depois a se chamar “Escola Estadual Manoel Joaquim- ensino de 1<sup>o</sup> grau

A escola tinha como objetivo o ensino primário até a 5<sup>a</sup> série possuindo 5 salas de aula e funcionou até o ano de 1982 sem instalações elétrica.

No ano de 1980 o Sr. Francisco Carlos de Oliveira Sobrinho político da cidade, conseguiu junto ao governo do Estado a criação de uma escola de nível médio, até então inexistente na cidade para atender a clientela de alunos. A mesma foi criada com o nome de” Escola de 2º Grau Prof. Vicente Carlos de Menezes”, numa homenagem a um dos primeiros professores da então Vila de São Sebastião.

A referida escola iniciou suas atividades no ano de 1981, oferecendo os cursos d magistério no turno vespertino e científico no noturno, tendo a frente como diretora a professora Maria Senora de Souza. Inicialmente com duas turmas e por não ter um espaço físico funcionou uma turma no turno vespertino na Escola Estadual Manoel Joaquim( ainda sem instalações elétrica) e outra no turno noturno na Escola Estadual Jeronimo Rosado . Em 05 maio de 1981, o governo do Estado publica o decreto de transformação passando a mesma a se chamar “Escola Estadual Manoel Joaquim- ensino de 1º e 2º grau”

No ano seguinte com o crescimento no numero de alunos a escola passou a funcionar com quatro turmas sendo que as turmas do turno vespertino continuaram na Escola Estadual Manoel Joaquim ( ainda sem instalações elétrica)e as duas turmas do noturno passaram a funcionar na Escola Municipal Isaura tendo Rosado. Com sua estrutura recuperada para o devido funcionamento a partir do segundo semestre

do ano de 1982, a escola passou a funcionar em sua sede na Rua Severino Ramos Vieira.

A partir daí a referida escola passou por algumas mudanças como a construção de novas salas de aula, muro, entre outras coisas.

No ano de 2006 devido a problemas na sua estrutura física e elétrica a escola e por isso foi interditada e passou a funcionar provisoriamente no Centro Social São José entre os anos de 2006 e 2008. Durante esse período muitos movimentos feitos por professores, funcionários, pais e alguns políticos por uma reestruturação do prédio da escola por parte do governo estadual, após três anos de lutas a Escola Estadual Manoel Joaquim foi finalmente reinaugurada e no ano de 2009, com algumas mudanças em sua estrutura como, construção da biblioteca, sala dos professores, laboratório de ciências, sala de informática entre outros benefícios para a comunidade escolar, passando por uma reinauguração em 2009 durante o governo Wilma de Faria, a escola volta a funcionar em sua sede.

## **GESTORES**

Vários foram os gestores (diretores) da escola desde sua inauguração em 1965 até os dias atuais, sendo que até o ano de 2005 todos eles indicados por políticos. A partir do ano de 2005 após muita luta do Sindicato dos trabalhadores em Educação (SINTE-RN), as escolas ganharam o direito de eleger através de eleição direta seus gestores, sendo a prof.<sup>a</sup> Antônia Liana Alves da Silva e a prof.<sup>a</sup> Marli Lucia Pereira Honorato a primeira diretora e vice diretora eleitas pela comunidade escolar.

Segue abaixo a lista de gestores da Escola Manoel Joaquim

**a) Gestores indicados de forma indireta:**

**PERÍODO: 1965 – 1976**

**DIRETORA:** Antônia Idaisa da Costa

**VICE:** Irapirema Maria de França Costa

**PERÍODO: 1976 – 1978**

**DIRETORA:** Geruza

**VICE:** Irapirema Maria de França Costa

**PERÍODO: 1979 - 1981**

**DIRETORA:** Francisca Leni Bezerra Mendes

**PERÍODO: 1988**

**DIRETORA:** Maria Glaucia Costa do Vale

**VICE:** Maria da Conceição Silva Nunes

**PERÍODO: 1989 – 1993**

**DIRETORA:** Euzelita Maria da Silva Costa

**VICE:** Maria Milene de Meneses Bezerra

**PERÍODO: 1993 -1994**

**DIRETORA:** Francisca das Chagas de Morais

**VICE:** Maria Milene de Meneses Bezerra

**PERÍODO: 1995 - 2002**

**DIRETORA:** Euzelita Maria da Silva Costa

**VICE:** Carlos Alcivan do Rego

**PERÍODO: 2002 – 2003**

**DIRETORA:** Antônia Liana Alves da Silva

**VICE:** Carlos Alcivan do Rego

**PERÍODO: 2003 – 2004**

**DIRETORA:** Ana Lúcia de Souza Alves

**VICE:** Marli Lucia Pereira Honorato

**PERÍODO: 2004 - 2005**

**DIRETORA:** Maria Vilma da Costa Vale

**VICE:** Marli Lucia Pereira Honorato

**b) Gestores eleitos pela comunidade escolar**

**PERÍODO: 2005 - 2007**

**DIRETORA:** Antônia Liana Alves da Silva

**VICE:** Marli Lucia Pereira Honorato

**PERÍODO: – 2008 - 2010**

**DIRETORA:** Ednólia Carlos de Oliveira

**VICE:** Maria Eliene de Morais

**PERÍODO:** – 2010 - 2012  
**DIRETORA:** Ednólia Carlos de Oliveira  
**VICE:** Nerônica Alves de Oliveira

**PERÍODO:** – 2012 - 2014  
**DIRETORA:** Edilsa Meneses  
**VICE:** Meire Lúcia

**PERÍODO:** – 2014 - 2016  
**DIRETORA:** Edilsa Meneses  
**VICE:** Meire Lúcia

**PERÍODO:** – 2016 - 2018  
**DIRETORA:** Ana Karuline Lopes de Oliveira  
**VICE:** Joao Paulo Carlos Neto

**PERÍODO:** – 2018 - 2019  
**DIRETOR:** Everaldo Alves de Moraes  
**VICE:** Hudsmar Carlos de Oliveira

Desde sua fundação até o ano de 2018, nenhum gestor do sexo masculino ocupou o cargo de diretor da Escola Estadual Manoel Joaquim. Apenas os prof.º Carlos Alcivan do Rego que ocupou por dois períodos, e o prof.º Joao Paulo Carlos Neto por um período o cargo de vice diretor. Somente agora no ano de 2018 gestores do sexo masculino assume a direção e a vice direção da escola.



## EM CASA TAMBÉM SE APRENDE A CRER

Por Hugo Carlos

Quando aprendi a crer, era ainda um menino. Usava calção de elástico e chinelas de couro e rabicho que minha mãe comprava na feira, numa banca de calçados que Zé Paulo manteve por muito tempo no mercado. Os ensinamentos eram diários e seguiam um ritual que começava com o sinal da cruz. Por repetidas vezes essas instruções se sucederam e foram indispensáveis para que eu pudesse me tornar cristão.

O mal já existia, mas não tinha ainda a dimensão que adquiriu nesses últimos tempos. Faltava-lhe estrutura e, até me arrisco a dizer, material humano. Isso, irrefutavelmente, contribuía de forma substancial para o baixo índice de delitos cometidos na região, até então uma das mais tranquilas. Contudo, mesmo que ouse reconhecer a relevante participação de alguns elementos necessários à contenção da violência, há outros, como a fé e a crença, que não devem ser desprezados. Não que a simples e necessária inserção das chamadas virtudes teológicas, sejam, a meu sentir, suficientes para resolver o problema. Mas é inegável a influência que sempre exerceram na moldagem do comportamento das pessoas, fazendo com que se tornem melhores e até mais comprometidas com a paz no convívio em sociedade.

Era buscando a proteção divina que minha mãe ensinava a rezar. Não havia nesse quesito, folga, ou mesmo dispensa do dever. Todas as noites e pela manhã, na hora de deitar e levantar, a ninguém era dado esquivar-se do consagrado agradecimento, outra das muitas preocupações que ela nunca deixava escapar. Para ela que sempre foi ministra, mas se investia também de conselheira, nenhum apelo era mais eficaz do que aquele que, diuturnamente, era endereçado ao Anjo da Guarda.

Deus já era, à época, a entidade suprema que é hoje, com uma pequena diferença: era igualzinho a Zé Buraco e surgia no meu imaginário sempre que eu ouvia um trovão. A impressão que eu tinha era que se tratava de uma brincadeira, que ele fazia no intuito de tentar assustar as crianças. Para isso usava um tonel velho e,

fazendo giros de ponta cabeça, uma espécie de pirueta celestial, levava-o a produzir aquele som cuja associação com o fato narrado não teve um nascedouro. Imagino, todavia, que o simples fato de não ter um rosto, ainda que idealizado, a exemplo do que foi feito para Cristo, tenha sido a principal causa daquele tão esdrúxulo pensamento, mantido até hoje na lembrança.

Agora, recordando parte das histórias que minha mãe contava para os filhos, ainda consigo recordar, numa delas, alguns espíritos como personagens. Não era sempre que os mencionava porque nem todas os tinham no enredo. Havia ademais o temor de que alguém pudesse, de fato, incorporá-los e, com ajuda dessas criaturas, decidisse espalhar pavor e medo. Só que examinando mais acuradamente os arquivos organizados na memória, eu percebi que ao contrário de Zé Paulo, de Zé Ferreira, de Zé Miguel, de Rafael e de Floriza, comerciantes conhecidos do nosso mercado, essas personalidades sem corpo nunca se deixariam observar. Mal comparando, é o caso, por exemplo, de Deus, que, até para falar com Moisés, seu mais confiável representante, o fazia por meio de um anjo que de igual modo se tornava invisível.

Para finalizar, o faço sem deixar de reconhecer a existência de uma verdade expressa nas palavras de minha mãe, quando afirmava que, para merecermos o recebimento daquilo que vemos, é necessário, antes, crer no que não vemos.

Té logo!

Hugo Carlos é advogado.

## UM POUCO DE FILOSOFIA ARISTOTÉLICA

### A COMPREENSÃO DO SER ENQUANTO ATO E POTÊNCIA NA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

Reginaldo Claudino da Silva

Os primeiros “filósofos” tiveram um olhar especial, uma preocupação primeira com o sentido primordial do ser, uma busca incessante pelo conhecimento do ser e de suas causas. Aristóteles em sua obra: *Metafísica*, determina o objeto que deseja conhecer, voltado para o estudo do “ser enquanto ser”, e para tanto, seria necessário uma ciência primeira.

Aristóteles deixa claro em seu Livro IV da *Metafísica* que a metafísica não particulariza partes do ser, não é um estudo particularizado de uma parte do ser. Ela estuda o ser como ser, no geral. Além do ser em si mesmo, Aristóteles distingue ainda três sentidos principais em que se diz que uma coisa é: por acidente, como verdadeiro e como falso e em potência e em ato.

A doutrina da ‘potência e do ato’ é fundamental na metafísica aristotélica: potência significa possibilidade, capacidade de ser, não-ser atual; e ato significa realidade, perfeição, ser efetivo. Todo ser, que não seja o Ser perfeitíssimo, é, portanto, uma síntese de potência e de ato, em diversas proporções, conforme o grau de perfeição, de realidade dos vários seres.

Um ser desenvolve-se, aperfeiçoa-se, passando da potência ao ato; esta passagem da potência ao ato é atualização de uma possibilidade, de uma potencialidade anterior. Esta doutrina fundamental da potência e do ato é aplicada e desenvolvida - por Aristóteles especialmente quando da doutrina da matéria e da forma, que representam a potência e o ato no mundo, na natureza em que vivemos.

Todavia, a matéria e forma não podem ser separadas: não existe nenhuma matéria que não tenha forma, nem forma sem matéria. Apenas Deus é forma sem matéria. Para Aristóteles, a

matéria é a potência e a forma, o ato. A matéria é a potência de se tornar uma forma ou ato. A passagem da potência ao ato é o devir, que se situa entre dois limites extremos: a matéria pura e o Ato puro, que é Deus, pura forma. O fim último do devir é Deus.

Nessa perspectiva, a passagem da potência ao ato implica em movimento - todo movimento pressupõe um motor - o movimento da natureza em geral pressupõe um Motor Imóvel, ou se faria necessária uma causa para o seu movimento, outra causa para este novo movimento e assim, sucessivamente, até o infinito. O Motor Imóvel é Deus, Causa primeira do movimento universal: Ele é Ato Puro, Perfeição absoluta. Ele contém em si todas as puras formas, porque elas são o objeto do seu pensamento. A ordem do universo é a ordem do seu pensamento. O mundo existe desde toda eternidade e, portanto, não foi criado.

Podemos concluir que, em Aristóteles, continua a existir o dualismo (existente em todo pensamento pagão), da Matéria (imperfeição) e da pura Forma (perfeição).

**Referências:** ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de L. Vallandro. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969. SCIACCA, Michele Federico. *História da Filosofia*. Trad. Luís Washington Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

# ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E CONTRADIÇÕES.

Lázaro Alves do Vale

## Resumo

O ensaio aqui exposto busca contribuir para o debate da educação no Brasil e suas mudanças no passado até as tecnologias dos dias atuais, objetivando estabelecer uma discussão teórica entre autores conhecidos e renomados no âmbito teórico da educação e trabalhos acadêmicos produzidos por jovens professores. Os princípios da relação trabalho e educação e as formas atuais de tecnologia e de interatividade digital, que a cada dia se torna mais comum nas escolas e na vida dos estudantes e estudantes já inseridos no mercado de trabalho. Nesse ensaio pretendemos relacionar as políticas dos últimos anos direcionadas aos tipos de estudantes que frequentam escolas brasileiras, fazendo uma relação entre o estudo e o trabalho e o confronto quando os dois adentram dentro do contexto familiar e as relações que são formadas a partir da condição trabalho e estudo e vida familiar.

**Palavras-chave:** Escola, Trabalho, Família.

## INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas no campo da educação e do trabalho no Brasil nos últimos anos têm feito com que vários autores buscassem avaliar os impactos em longo prazo de uma educação diferenciada. Autores como Mauro Del pino e José Carlos Libâneo, debatem sobre as formas de ensino e suas complexidades. Já por outro viés, más não menos importante, Salonides José Zanella debate sobre a dualidade da educação no Brasil, também referente à educação, a professora Maria Luiza Belloni relaciona à educação a distância e o seu desenvolvimento. Esses autores estudam de forma minuciosa características particulares da educação desenvolvida no Brasil do passado até os dias atuais.

Segundo o Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF, 1988). Porém, se tudo que teoricamente é colocado, fosse aplicado, viveríamos em um mundo de eterna felicidade educacional, segundo Libâneo:

A luta pela escola pública obrigatória e gratuita para toda a população tem sido bandeira constante entre os educadores brasileiros, sobressaindo-se temas sobre funções sociais e

pedagógicas, como a universalização do acesso e da permanência, o ensino e a educação de qualidade, o atendimento às diferenças sociais e culturais, e a formação para a cidadania crítica. Entretanto, têm-se observado, nas últimas décadas, contradições mal resolvidas entre quantidade e qualidade em relação ao direito à escola, entre aspectos pedagógicos e aspectos socioculturais, e entre uma visão de escola assentada no conhecimento e outra, em suas missões sociais. (LIBANEO, 2006, p, 15).

Nesse contexto de dualidade entre teoria e prática, vivemos outras dualidades, diversas realidades educacionais, em diferentes e em diversos aspectos educativos, espera-se que a educação promova um bem-estar social, mas na realidade, o que acontece é uma visão dualista da educação, Libâneo cita Nóvoa (2009):

Um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a “duas velocidades”: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social, (Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. 17) para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação. Por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem e nas tecnologias, destinada a formar os filhos dos ricos. (p. 64).

Aqui entendemos que essa realidade educacional obedece a uma política de mercado capitalista, formando dois tipos de trabalhadores, os que mandam e os que são mandados, esses últimos, limitados em suas condições financeiras, o que permite uma educação privada de mais conhecimento, assim reduzindo cada vez mais suas oportunidades de crescimento pessoal e cognitivo e por que não financeiro. Essa concepção pode ser apresentada em artigo do professor Salonides José Zanella de Avila, que tem como título “**O Mundo do Trabalho e Educação**”, no qual, o autor utiliza-se da metodologia de entrevistas com alunos. A dualidade da escola brasileira é apresentada de forma preocupante por parte dos discentes em relação à perspectiva de futuro, pelo qual, os mesmos perceberem como a educação de seus pais fora deficiente, nos depoimentos dos alunos do terceiro ano do ensino médio, cita:

“Meu pai sempre trabalhou muito, para sustentar a família, não conseguiu fazer faculdade. Eu quero uma vida diferente, mais tranquila, ser alguém através de meu próprio esforço. Quero fazer uma boa faculdade e conseguir bom emprego”. (José, 2007, p, 03).

Aqui o depoimento está relacionado à preocupação em ter um futuro diferente dentro de uma realidade capitalista e controladora, o aluno sai da escola e vai ao mercado de trabalho competi com outros alunos que tiveram uma estrutura educacional bem mais aprimorada. Se por um lado o aluno acredita na educação como veículo de transporte a uma condição melhor, tirando por base sua vivência familiar:

Por outro lado, percebe-se nos dizeres de outros estudantes, uma concepção de trabalho e educação totalmente diferente. Mostrando o descrédito no mercado de trabalho, na perspectiva de um meio que garanta a sobrevivência com dignidade, através de suas capacidades e um descrédito na educação como instrumento capaz de superar esta condição. (José, 2007, p, 04)

Dentro dessa mesma perspectiva de mercado outros alunos chegam a concluir que o mercado é seletivo, e essa conclusão vem da pior maneira possível, com o desemprego “A minha perspectiva diante do mercado de trabalho é de desânimo, vejo muita gente desempregada ou se matando de trabalhar e ganhando pouco, mesmo com faculdade completa.” (José, 2007, p, 04).

Assim o mercado de trabalho vai se mostrando a alunos de escolas, em sua maioria pública, as suas características seletivas, muitos percebem que o retrato da escola brasileira não é tão bonito como repassado em diversas propagandas televisivas, problemas reais acontecem durante os ensinamentos, primário, médio e superior, tanto em relação aos alunos como também aos docentes, isso implica em uma grande baixa estima. Todos os dias formam-se diversos professores de muitas modalidades de ensino, o mercado de trabalho atrelado a uma política monetária de cunho estrutural para países do terceiro mundo, não absorve esses profissionais, e o que se vê são muitas propagandas que enfatiza a falta de trabalhadores específicos para atender a determinadas áreas do mercado, a educação e o desenvolvimento cognitivo deixaram de ser uma prioridade, a escola pública está passando por problemas sérios, o que se está formando é uma nação de trabalhadores funcionais, segundo Libâneo:

Tem sido constante, nos meios intelectual e institucional do campo da educação, a constatação de um quadro sombrio da escola pública. No âmbito das análises externas, dados estatísticos e pesquisas apontam sua deterioração e

ineficácia em relação a seus objetivos e formas de funcionamento. São reiteradas as demandas pela ampliação dos recursos financeiros para todos os níveis e modalidades de ensino. Há um volume considerável de investigações sobre a situação dos salários e das condições de trabalho e formação dos professores. No âmbito das análises internas, presume-se uma crise do papel socializador da escola, já que ela concorre com outras instâncias de socialização, como as mídias, o mercado cultural, o consumo e os grupos de referência. (Libâneo, 2006, p, 16).

Outro exemplo de direcionamento profissional seria a Lei nº 5.692 (BRASIL, 1971), no qual, o ensino médio vinha sendo visto apenas como transição entre o fundamental e o superior, com a lei, passa-se a ter um currículo com um núcleo comum obrigatório, de alcance nacional, com enfoque na educação geral e uma parte diversificada, para atender às especificidades locais mediante a habilitação profissional dos alunos, tudo isso na tentativa de proporcionar mais objetividade a esse nível de ensino. Para as escolas que tinham convenio com empresas os estagiários estavam subordinados as seguintes condições da lei, segundo ela em seu Artigo 6º: Parágrafo único. O estágio não acarretará para as empresas nenhum vínculo de emprego, mesmo que se remunere o aluno estagiário, e suas obrigações serão apenas as especificadas no convênio feito com o estabelecimento. (CD, 1971, p, 01).

Essa forma de parceria à primeira vista parece uma bela ideia de colaboração entre a empresa privada e o Governo, mas e o aluno em seu desenvolvimento cognitivo como fica? E o mesmo pode se questionar, que o salário que ganha como aprendiz é bem maior que o do professor, e como isso é possível? É certo? Por que eu tenho de fazer uma faculdade? Aquela ideia de estudar para ter um bom emprego, onde fica? Essas são questões que estão inseridas no dia a dia da relação aluno e professor, mas que muitos não observam e o próprio poder público faz que não o vê.

Salvo o grande valor que o conhecimento proporciona na vida do ser, de em sua totalidade conhecer o desconhecido e chegar a um estágio de conhecimento que formalize uma personalidade própria, sem ser capaz de se deixar influenciar por condições momentâneas ou caminhos que o levem a uma vida desastrosa no crime ou nas drogas ou em qualquer outra situação de curta duração. O estudante de terceiro mundo vive uma batalha entre o sistema educacional e a vida trabalhista

no intuito (em sua maioria) de ajudar em casa. As poucas oportunidades que surgem devem ser absorvidas mesmo em condições de desigualdade, isso é uma questão de organização, segundo Saviani:

Ora, em lugar de abandonar o desenvolvimento cultural dos trabalhadores a um processo difuso, trata-se de organizá-lo. É necessário, pois, que eles disponham de organizações culturais por meio das quais possam participar, em igualdade de condições com os estudantes universitários, da discussão, em nível superior, dos problemas que afetam toda a sociedade e, portanto, dizem respeito aos interesses de cada cidadão. Com isso, além de propiciar o clima estimulante imprescindível à continuidade do desenvolvimento cultural e da atividade intelectual dos trabalhadores, tal mecanismo funciona como um espaço de articulação entre os trabalhadores e os estudantes universitários, criando a atmosfera indispensável para vincular de forma indissociável o trabalho intelectual e o trabalho material. (Saviani, 2007, 161)

Nesse sentido os estudantes procurar de muitas formas acompanharem esse ritmo de trabalho e estudo, tornando-se verdadeiros exemplos de resiliência estudantil, em muitos casos recorrem (quando há condições) a programas de educação a distância, que se formaliza como um meio de contornar a grande dificuldade a esses alunos, o fator chamado “tempo”, esses programas se apresentam como alternativa a uma educação adaptada ao horário de cada aluno, integrando o mesmo ao sistema de ensino, embora resultando a característica exploradora e econômica em seu ensaio a professora Maria Luiza Belloni explica que:

Essa integração, como eixo pedagógico central, pode ser uma estratégia de grande valia, desde que se considere estas técnicas como meios e não como finalidades educacionais, e que elas sejam utilizada sem suas duas dimensões indissociáveis: ao mesmo tempo como **ferramentas pedagógicas** extremamente ricas e proveitosas para a melhoria e a expansão do ensino e como **objeto de estudo complexo e multi**<sup>124</sup> Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002 **facetado**, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares, e podendo ser um **“tema transversal”** de grande potencial aglutinador e mobilizador (Belloni, 2001a).

Considerado os recursos tecnológicos da educação a distância como meio para contornar diversas situações como, tempo,

localidade, distância e até mesmo clima. Os problemas relacionados com o tempo são fundamentais em EaD, não apenas em suas dimensões física, institucional e imaginária, que formam a base das relações temporais concebidas por cada indivíduo e estabelecidas na sociedade, mas também em sua dimensão econômica de medida do tempo de trabalho, definidora das condições de trabalho e de formação dos trabalhadores (Belloni, 2001, p, 137). É de muita valia adaptar-se a essa forma de ensino, embora muitos professores precisem passar por um processo de reciclagem para trabalhar com tais tecnologias ainda é uma boa experiência, no entanto, essa forma não poderia segundo a autora ultrapassar sua função de ferramenta, para se tornar algo exclusivo e prioritário, o contato da sala de aula se faz necessária a própria identidade do aluno e do professor

A observação na implantação de tecnologias pode evitar ter problemas, como a mesma cita o “Projeto Saci” que fora implantado em alguns estados no Nordeste:

No Brasil, três estados do Nordeste desenvolvem até hoje experiências de televisão escolares (Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão), herança dos planos mirabolantes da então chamada “tecnocultura” no poder durante o regime militar. A experiência mais desastrosa desse tipo foi o famoso Projeto Saci, que propunha difundir **ao mesmo tempo para todas as escolas brasileiras, por televisão via satélite**, as mesmas aulas, com qualidade “didática” garantida pela produção centralizada de programas e dispensando assim a formação especializada dos professores locais, transformados em “monitores polivalentes”. A produção era localizada no Inpe, Instituto de Pesquisas Espaciais, em São Paulo, instituição responsável pelo projeto, desde sua concepção inicial por engenheiros e militares americanos e brasileiros. A própria localização institucional revela claramente o caráter tecnocrático e a perspectiva estritamente técnica do Projeto Saci, cuja prioridade era experimentar as potencialidades do satélite de comunicação, sendo a educação mero pretexto. (Belloni, 2001, 131)

Nesse contexto a intenção segundo a autora não era didática e sim testar a eficiência dos satélites americanos, quando o interesse econômico se torna maior que o educacional dentro do plano de trabalho que rege qualquer instituição seja ela, particular ou públicas a tendência é dar errado. Diante disso se observa que as políticas públicas adotadas há alguns anos pode ter propósitos benéficos como

exemplos os CEFETS durante a década de oitenta, que se modernizaram e se tomaram Institutos Federais em que há uma mesclassem entre o estudo cognitivo e o técnico. Porém ainda com a realidade das escolas públicas estaduais e municipais, que passa por problemas estruturais e falta de professores. Entrar em uma intuição federal, mesmo com vagas destinadas a alunos de escolas públicas torna-se casos de verdadeiras resiliências estudantis. Alunos criados em grande dificuldade econômicas educacionais e financeiras passa por problemas para acompanhar o ritmo de alunos advindos de escolas particulares. Quando não faz a correção na base, na educação infantil até o ensino médio se geram mais problemas, não basta só instituir o desenvolvimento superior e técnico tem-se que se melhorar o ensino no início segundo Libâneo:

Assim, a escola que sobrou para os pobres, caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluídas na expressão *educação inclusiva*), transforma-se em uma caricatura de inclusão social. As políticas de universalização do acesso acabam em prejuízo da qualidade do ensino, pois, enquanto se apregoam índices de acesso à escola, agravam-se as desigualdades sociais do acesso ao saber, inclusive dentro da escola, devido ao impacto dos fatores intraescolares na aprendizagem. Ocorre uma inversão das funções da escola: o direito ao conhecimento e à aprendizagem é substituído pelas aprendizagens *mínimas* para a sobrevivência. (Libâneo, 2012, p. 23)

Aqui a escola perde sua função de passar o máximo possível de conhecimento possível de conhecimento para o aluno e tenta adaptá-lo a uma nova realidade, mas as suas características advindas da deficiência da escola anterior não desaparecem de uma hora pra outra isso é um processo demorado.

Diante de todas as problemáticas expressas aqui se observa a educação brasileira ainda necessita de muitas mudanças, planos de governo que priorizem o desenvolvimento educacional da população e lhe de condições de estudar, trabalhar e ter uma vida digna, sem ter de se sobrecarregar e sacrificar-se para ter uma educação de qualidade. Afinal como nos remete a Constituição Brasileira “e educação é um direito de todos”. Não investir em educação é um ciclo vicioso. O eleitor não é educado, não sabe escolher seus governantes; ficam sem saber as mudanças no país, que o afeta; é submetido a vender sua dignidade em quanto cidadão em troca de uma necessidade momentânea; e os

representantes que entram continuam sem investir em educação para manter esse sistema. Educação é prioridade em uma sociedade democrática ou era pra ser o essencial. Assim a família brasileira fica submetida a esse sistema exploratório, e essa realidade vai se perpetuando durante gerações.

#### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. CAPÍTULO III. SEÇÃO I. Disponível em < [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/01\\_02\\_2010\\_13.39.05.85b72235f860536bcb82c3463914f15d.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/01_02_2010_13.39.05.85b72235f860536bcb82c3463914f15d.pdf) > Acesso em 21/08/2016.

LIBÂNIO. José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira; escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. 13. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf> >. Acesso em 20/07/2016

JOSÈ. Salomides Zanella de Avila. **O Mundo do Trabalho e Educação**: Paraná, UNIDOESTE, 2007, pg. 03- , disponível em <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=131>> Acesso 18/08/2016.

LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971 - Publicação Original. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> acesso em 17/08/2016.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v.12 n.34.2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf> > acesso em 18/08/2016

BELLONI, M.L. **ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL**. Campinas: Autores Associados, 2001a. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 132. Disponível em < <http://lccn.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/belloni2002.pdf> > Acesso em 21/08/2016.

## MEU LUGAR

Autora : Patrícia Costa

Refrão ou mote repetido após  
cada estrofe.

Minha terra tem valores,  
Tem riquezas e tem legado!  
Parabéns pelo seu dia  
Gov- Dix-Sept-Rosado.

Vou contar do meu lugar  
Terra de cabra da peste  
Terra de homem valente  
Do sertão e do Agreste  
Terra do alho e da cal  
Gente de honra e moral  
Meu lugar é no Nordeste.

Minha terra tem valores  
Que só se acha aqui  
Tem praga de Rita  
Conversas pra boi dormir  
Tem moça encantada em pedra  
Há quem jura existir,  
E está localizada, na Chapada do  
Apodi.

Aqui nosso clima é quente  
O Sol chega a esquentar  
Mas tem áreas naturais  
Para nos aliviar  
O Poço Feio que é Bonito  
Pra chegar demora um tico  
E poder se refrescar.

Aqui nós temos artistas  
Temos músicos e escritores  
Pintores cordelistas  
Poetas e compositores,  
Temos teatro e circo  
Lutadores e capoeiristas  
Na arte, somos doutores;

Aqui tem fé e cultura  
Gente boa e hospitaleira  
Povo humilde e corajoso  
Nesta terra brasileira  
Cabra da peste e cangaço  
Unidos no mesmo espaço  
Compõe a nossa bandeira.

Fomos passagem de Pedro,  
São Sebastião por amor  
Sebastianópolis na garra  
De um povo lutador  
E desde 64,  
Que nossa terra querida,  
Se chama Governador.

Academia de História  
Memória e sabedoria  
Estudar nosso passado  
Pra fazer com maestria  
Um futuro promissor  
É dever de cada dia.

Governador Dix-Sept Rosado  
Terra do alho e da cal  
A agricultura foi riqueza  
Economia principal  
A gipsyta, o minério  
E também o trem de ferro  
Foi destaque no local.

Somos honrados enfim  
De sermos desse torrão,  
Do Oeste Potiguar  
Terra de São Sebastião,  
É com muita alegria  
Que exaltam os seu dia,  
Sou Dissé de coração.

## CURA D'ÁGUA (WATER THERAPY)

Por Idaisa Costa

O que segue são trechos sobre a Cura D'água, a qual foi publicada por uma associação médica japonesa:

**OBJETIVOS DA CURA:** O tratamento das seguintes doenças:

**MEDICINA INTERNA:** Dores de cabeça, hipertensão, anemia, artrite, reumatismo, paralisia facial, paralisia geral, obesidade, taquicardia (palpitações do coração, astenia, cansaço geral), tosse, asma, bronquite, tuberculose, meningite, doença hepática (fígado), uropatia (rins), mipoacide, pirose gástrica, disenteria (ulceração dos intestinos, prolapso retal, constipação (prisão de ventre), hemorroidas e diabetes.

**OFTOMOLOGIA:** Menorragia ou palmica nos olhos, astenia (cansaço da vista).

**OTORRINOLARINGOLOGIA:** Zumbido nos ouvidos, rinite (infecção da garganta).

**GINECOLOGIA:** Câncer do útero, menstruação irregular, leucorréia, câncer de mama.

Esta cura é fundamentada em relatos e experiências de sucesso, tornando-se, então, recomendada a sua utilização.

Beber uma considerável quantidade de água, de uma só vez, torna o cólon mais eficaz para produzir mais sangue renovado, realidade reconhecida em termos médicos como “Hematopose” formação dos glóbulos sanguíneos.

Isto é possível pela ativação das dobras das mucosas que se encontram no cólon do intestino que absorvem os elementos nutritivos dos alimentos que ingerimos e que os transformam em sangue novo e fresco.

Esta teoria foi publicada em um artigo escrito por um professor japonês de uma universidade médica, há sete anos. Em geral, devido a insuficiência do cólon, o ser humano sente-se esgotado, adoece e dificilmente consegue curar. O cólon de um adulto mede aproximadamente 2,5 cm de comprimento, podendo absorver os elementos que o corpo recebe. Se o cólon estiver limpo, os alimentos que ingerimos várias vezes por dia serão completamente absorvidos pelas dobras das mucosas do cólon, as quais se transformam em sangue novo e fresco para o organismo. Este sangue novo se encarregará de curar as nossas doenças, sendo a principal

força do restabelecimento da saúde. Em outras palavras a **Cura D'água torna o organismo sadio, além de prolongar a vida.**

**“Todas as manhãs, ao levantar, não lave a boca e beba (aproximadamente 1,3 litros ou 6 copos de água), sem interrupção (um após o outro).”**

### **PONTOS A CONSIDERAR**

Existem algumas particularidades que devemos observar a respeito da Cura D'água:

- Uma pessoa que está doente pode achar difícil beber 6 copos de água (1,3 litros) de uma só vez. Ela deve ter paciência e tentar caminhar por alguns momentos entre um copo e outro. Poderá, então tomar toda a quantidade de água exigida.
- Após ter bebido toda água (6 copos), deve-se fazer exercício durante vinte minutos, correndo ou Jumping (o tradutor por experiência, recomenda o jumping, isto é, pular no mesmo lugar).
- Uma pessoa doente que não consegue levantar-se, deve-se, após tomar a água, fazer respiração profunda no leito e massagear o abdômen, o que ajuda a conduzir a passagem de água no cólon de modo a lavar as dobras da mucosa intestinal.
- Pode acontecer que a pessoa tenha vontade de urinar, uma vez absorvida a água.
- Passados sete anos, este professor da Universidade do Japão, publicou uma tese sobre a função da Hematopoese (formação de glóbulos sanguíneos) e até hoje a sua teoria não foi contestada.

### **TEMPO DE DURAÇÃO DE ACORDO COM A DOENÇA**

- **GASTRITE:** A experiência prova que a pessoa que sofre de gastrite obtém um alívio pela Cura D'água após uma semana.
- **HIPERTENSÃO:** As pessoas hipertensas, após um mês.
- **GRASTITEPTOSE:** Após três dias.
- **CONSTIPAÇÃO:** (prisão de ventre) após um dia.
- **DIABETES:** Após uma semana.
- **CÂNCER:** (Alívio dos efeitos colaterais da Quimioterapia) após um mês.
- **PULMÕES E TUBERCULOSE:** Após três meses.
- **ARTRITE REUMATISMO:** As pessoas idosas que sofrem destas doenças, devem fazer a cura d'água três vezes por dia, durante uma semana, para obter resultados.

Ao fazer a cura, pode-se continuar ingerindo sua bebida habitual, mas não se deve toma-la durante as refeições e sim 2 horas antes ou depois das refeições. Deve-se, também, evitar ingerir comida sólida antes de deitar.

## MEMÓRIAS REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A (RFFSA)

Daniela Maria de Souza

A Rede Ferroviária Federal S.A (RFFSA), foi uma empresa estatal brasileira de transporte ferroviário que cobria boa parte do território brasileiro e tinha sua sede na cidade do Rio de Janeiro.

A linha ferroviária Mossoró-Souza, foi inaugurada em 1915 entre Porto Franco e a cidade de Mossoró, com o objetivo de se alcançar a cidade de Alexandria, na divisa do Estado do Rio Grande do Norte com a Paraíba. Após muitos adiamentos, o prolongamento da linha férrea foi saindo aos poucos, em 1926 a São Sebastião e somente em 1951 a Alexandria. Por volta de 1958 chegou a Souza – PPB, encontrando-se com a linha Recife-Fortaleza nessa cidade. Nos anos de 1980, a ferrovia foi desativada e seus trilhos arrancados em praticamente todo o percurso.

Em entrevista ao Sr. Antonio do Rego Souza, 65 anos, que trabalhou na RFFSA de 01/12/1974 a 01/10/1986 (12 anos), pudemos colher algumas informações sobre o funcionamento da mesma nesse período. Segundo o Sr. Antonio (seu Tonho, como é mais conhecido), ele começou a trabalhar na “Estrada de Ferro”, assim era chamada, após um período de muitas chuvas na região, ocasionando inúmeros desgastes na linha férrea, abrindo assim a necessidade de mão-de-obra com urgência.

Faz-se necessário saber que nesse período as pessoas eram contratadas para trabalhar por indicação de alguém não havendo concursos ou testes seletivos. Através de seu trabalho, dedicação e competência no que realizava, o sr. Antonio, permaneceu trabalhando na rede, após esse período de urgência, tendo sido reconhecido. Desenvolveu inúmeros trabalhos na Rede, dentre eles o de conservador de via permanente, que tinha como atividade manter os trilhos sempre em bom estado; substituto de feitor, quando o mesmo precisava se ausentar; dirigir o Auto de linha (uma espécie de carro motorizado, que rebocava os reboques de ferramentas e de passageiros); na pequena farmácia que havia ou em qualquer outra função, se assim fosse solicitado.

Os trabalhos eram divididos por turmas, que trabalhavam de segunda a sexta-feira, essas eram formadas por 10 ou 12 homens.

Na linha/Rede havia pessoas de outros municípios, somente o feitor era de fora. Com o tempo foram ficando apenas pessoas da cidade. De Mossoró a Governador Dix-sept Rosado, havia quatro turmas; em cada trecho eram construídas casas, uma era mais arrumada, onde viviam o Feitor de Turma e a sua família e mais duas casas grandes, que abrigavam uma ou mais famílias dos operários, e onde eram guardadas as ferramentas e trabalho.

No início todo trabalho era feito de forma manual, com o tempo foram melhorando as condições de trabalho com a doação pela Rede de luvas, capacetes, óculos, batas, fardamento, transporte motorizado (que antes era feito manualmente, como o TROLLER).

A cada período do ano havia um trabalho específico: no inverno era mais a limpeza da linha, dos trilhos e no verão os operários tinham que nivelar os trilhos que haviam sido danificados no inverno, os dormentes (que eram feitos de madeira).

Na organização do trabalho haviam os trabalhadores braçais, O Feitor, o Mestre de Linha, (morava em outra cidade e vinha fiscalizar as obras), e o Engenheiro (responsável por toda a obra).

O salário era acima do mínimo da época, diferenciado de acordo com a função exercida. Não atrasava. A carteira era assinada com todos os direitos trabalhistas assegurados. Pode-se afirmar que a Rede Ferroviárias, juntamente com a venda do alho e cebola movimentava a economia da cidade nessa época.

A Rede gerava muitos empregos como ferreiros, pedreiros, carpinteiros, que prestavam serviços a Rede. Havia no município uma estação que servia de controle e apoio para os serviços ofertados. Lá havia um controle dos trens (havia trens cargueiros, que transportavam apenas cargas e também os de passageiros).

O Agente de linha era o responsável pela venda de passagens, informações (ligava para as outras estações, informando a hora que o trem saía ou chegava na mesma. Havia também um manobreiro que era responsável em manobrar os trilhos e na limpeza da estação).

Na estação ficava o único telefone (a fio) que havia no município. Também tinha o RONDA, homem responsável em verificar a linha, afim de ver se havia algum ponto danificado; avisando para que os mesmos fossem consertados, o mais rápido possível, para não causar acidentes. De início, os trens funcionavam a lenha, com o tempo foi substituído pelo a óleo diesel.

No período que funcionavam a lenha, os trens continham um recipiente de água (espécie de tacho grande), que com o fogo gerava a força para o trem se mover. Por esse motivo, a construção das caixas d'água nos lugares por onde o trem passava, visto que nessas caixas os trens eram reabastecidos com água. Onde havia proximidade com os rios, elas eram construídas; do contrário, eram perfurados poços para esse abastecimento.

Nos trens havia vários vagões, os de passageiros e os de carga. Nos vagões de passageiros havia a separação de classes (primeira e segunda classes). Havia banheiros e restaurante com a venda de alimentos, bebidas... eram permitidos que alguns comerciantes ambulantes entrassem no trem em sua parada. Eram vendidas redes, cintos, óculos, bebidas, comidas, dentre outros. O maquinista e o auxiliar eram os responsáveis em conduzir o trem.



*Extraída do Blog: José Mendes Pereira Potiguar, disponível em: <http://josemendespereirapotiguar.blogspot.com/2015/12/despedita-do-ultimo-trem-de-passageiros.html>*



*A estação em 2002. Do livro Lampião e a Maria Fumaça, de A. A. Araújo e L. R. Bomfim.*

## ERRATA

Na primeira edição da Revista Alilo, foi publicado na página 32 e seguintes, texto contando a história de João Jacinto da Costa, todavia, notamos após a revista impressa que existia alguns erros de digitação no texto, a saber: na página 32, linha 6, onde lê-se “32reitas32ei”, leia-se: frequentei”. Na página 34, na data de nascimento de João Jacinto da Costa (linha 4), onde lê-se 1985, leia-se 1885 e a data de nascimento de sua primeira esposa Leonila Isabel da Costa (linha 18), onde lê-se 1975, leia-se 1875).